

Adilson Citelli

Escola de Comunicações e Artes. ECA/USP

CNPq

Resumo.

O texto mostra alguns procedimentos adotados no andamento de pesquisa sobre as relações comunicação/educação que estamos realizando junto a professores com até trinta anos de idade, e que se dedicam ao ensino básico na região metropolitana de São Paulo. Indicam-se, ainda, a constituição de algumas categorias teóricas formuladas como consequência de entrevistas e questionários levados a termo ao longo da investigação

Palavras chaves

Comunicação, educação, jovens docentes

## **Mídia e escola: apresentando uma pesquisa<sup>1</sup>**

### **Introduzindo o universo da pesquisa**

Em continuidade às investigações na interface comunicação e educação, desenvolvidas desde os finais dos anos 1990<sup>2</sup>, cujos resultados vêm sendo divulgados em livros e artigos, empreendemos nova pesquisa no final de 2006 e início de 2007, a ser considerada no presente texto<sup>3</sup>.

O trabalho foi realizado junto a setenta e nove docentes na faixa etária de até trinta anos e alocados em escolas da rede pública municipal e estadual dispersas por diferentes regiões da área metropolitana de São Paulo, segundo critério de representatividade não estatística. Os dados levantados resultaram tanto de entrevistas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Comunicação Educativa. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Do conjunto de pesquisas realizadas entre 1992 e 1994, 1996 e 1998, 2001 e 2004, todas para o CNPq, resultaram uma série de publicações das quais destacamos, em livro: Citelli, Adilson (Org.) *Aprender e ensinar com textos não escolares*. 5ed. São Paulo, Cortez, 2002; Citelli, Adilson (Org.) *Outras linguagens na escola. Publicidade, Cinema e TV, Rádio, Jogos, Informática*. 4ed. São Paulo, Cortez, 2004; Citelli, Adilson. *Comunicação e educação. A linguagem em movimento*. 3ed. São Paulo, Senac, 2004; Citelli, Adilson. *Palavras, meios de comunicação e educação*. São Paulo, Cortez, 2006.

<sup>3</sup> . O trabalho encontra-se em andamento, motivo pelo qual apenas o situamos e indicamos algumas estratégias de pesquisa adotadas a fim de se cumprir objetivos e propósitos que procuramos esclarecer neste texto.

individuais como de questionários estruturados e dos quais constavam perguntas abertas e fechadas.

A pesquisa concentrou-se em docentes do ensino básico, abrangendo a educação infantil, o fundamental I e II, e o médio, sendo levada a termo ou nas próprias unidades escolares ou em encontros e reuniões de professores promovidos pelas Secretarias de Educação e mesmo em cursos de formação continuada.

Estabelecidas as estratégias para recolher e organizar os dados, buscamos informações e mesmo manifestações livres, referentes a itens que incluíam contornos profissionais, hábitos de frequência à mídia, expectativas com relação à carreira, etc. Junto com tal procedimento, aprofundamos contatos presenciais com grupos de professores, promovendo discussões capazes de mais bem esclarecer o problema atinente às relações comunicação/educação no âmbito escolar.

A diversidade da amostra foi perseguida em decorrência de vetores postos no horizonte maior de interesse da investigação. Vale dizer, o nosso problema não diz respeito à segmentação de grupos docentes por áreas de conhecimento ou níveis de ensino, mas de circunscrição etária, referência a partir da qual indagamos acerca de temas envolvendo a formação inicial e continuada, assim como as várias tensões existentes entre as linguagens e suportes da comunicação e a educação formal.

Fixados tais parâmetros, aqui enunciados sucintamente, orientou-nos a preocupação permanente de mais bem entender como os jovens professores, alguns deles com razoável tempo de magistério, estavam desempenhando o seu mister educador, tendo em vista a singularidade de uma cena histórica na qual as culturas midiáticas jogam papel decisivo.

Neste ponto é necessário estabelecer os motivos para que se recortasse uma faixa etária, pois ao contrário de nossas pesquisas anteriores inexistia tal preocupação. Do mesmo modo cabe esclarecer o sentido da expressão “relações com a comunicação”. A somatória do elemento etário e dos nexos entre docentes e mídias, que dirigiram tanto a estruturação do questionário sobre o qual faremos algumas referências a seguir como os próprios encontros presenciais com os docentes, refletem, no momento, o centro de nossa preocupação.

### **1.A questão da faixa etária.**

Duas razões fundamentais levaram à segmentação da amostra concentrando-a junto aos docentes com até 30 anos.

**Em primeiro lugar**, por fixarmos a hipótese de que os jovens docentes cumpriram a sua formação escolar e profissional em cenário marcado por ampla e profunda mudança nos padrões tecnológicos, nos circuitos comunicacionais e da própria sociabilidade, estando, portanto, aptos para enfrentarem os desafios propostos pela comunicação.

Observando-se o quadro etário a seguir verifica-se a presença de professores nascidos em 1975, com maior concentração em 1976, até 1986. Vale dizer, e apenas como momentâneo exercício de aproximação: tomando-se os mais velhos da amostra, e considerando a idade de sete anos como de ingresso no fundamental I, teríamos que a conclusão deste ciclo se deu em 1990, do médio em 1993 e do superior em 1997.

Ou seja, excluídos os casos em que o docente ainda está cursando o 3º grau, a formação escolar da maior parte do grupo ocorreu junto com o crescimento, no Brasil, dos sistemas e processos comunicacionais, acentuadamente nos anos 1990, quando se dá a grande expansão dos computadores pessoais e do acesso à internet. Neste aspecto, há um conjunto de referências que colocam tanto os jovens docentes como os seus atuais alunos dentro de um universo próximo quanto ao convívio com as novas tecnologias. Seria esperado, pois, que se verificasse a ocorrência de práticas didáticas e pedagógicas voltadas aos diálogos sistemáticos entre estratégias tradicionais da escola – o termo tradicional não carrega, aqui, qualquer conotação pejorativa ou de oposição valorativa a uma possível modernidade, servindo, apenas, para caracterizar determinado *ethos* – e propostas de inovação equacionadas, sobretudo, a uma nova sociabilidade que matiza a vida dos discentes e dos docentes.

Idade	Menções
30 anos	13
29 anos	13
27 anos	12
25 anos	10
28 anos	9
26 anos	6
24 anos	5
22 anos	4

23 anos	3
31 anos	2
21 anos	1
20 anos	1

A maior concentração etária está entre vinte e nove e trinta anos, com treze indicações cada (32.91%). Procedendo-se a um recorte que considera o grupo entre vinte e cinco a trinta e um anos, ficamos com sessenta e cinco referências (82.27%), contra quatorze (17.72%) localizadas na faixa dos vinte aos quarenta anos. O cruzamento da faixa etária com o tempo de magistério, conforme indicado abaixo, permitirá que entendamos um pouco melhor o perfil dos docentes.

Anos de exercício no magistério	Menções
5 anos	15
10 anos	12
6 anos	9
7 anos	9
4 anos	5
1 ano	4
2 anos	3
8 anos	3
12 anos	3
3 anos	2
9 anos	2
2 anos e 6 meses	1
2 anos e 7 meses	1
7 anos e 4 meses	1
10 anos e 3 meses	1

11 anos	1
Abstenções	7

É de cinco anos, em números absolutos, o período dedicado ao magistério pela maior parte do grupo pesquisado. Quinze docentes, ou 19.94% (excluídas as sete abstenções), indicam estar voltados à sala de aula, considerada aquela faixa de tempo. Promovendo exercício de organização por maior ou menor período consagrado à docência:

1. Maior tempo (tomados os indicadores entre 6 e 12 anos):

6 anos: 9 docentes

7 anos: 10 docentes

8 anos: 3 docentes

9 anos: 2 docentes

10 anos: 13 docentes

11 anos: 1 docente

12 anos: 3 docentes

Total de 41 entrevistados: correspondendo a 56.94% da amostra.

2. Menor tempo (tomados os indicadores entre 1 e 5 anos)

5 anos: 15 docentes

4 anos: 5 docentes

3 anos: 2 docentes

2 anos: 5 docentes

1 ano: 4 docentes

Total de trinta e um entrevistados, correspondendo a 43.05% da amostra.

Atente-se, porém, que praticamente metade dos entrevistados estão localizados na faixa entre cinco e sete anos de efetivo exercício do magistério, a saber, 47.22%. Tendo por referência o ano de 2006, se deduz que é alto o número de pesquisados ingressantes no sistema em torno do ano 2000, portanto com sua formação inicial concluída por volta de 1998. Mesmo os que estão no sistema entre dez e doze anos, para ficarmos em um dos extremos, dezessete deles (23.61%), obtiveram titulação a partir de 1994.

Dá duas possíveis conclusões: a primeira referente ao fato de que, mesmo em faixa etária relativamente baixa (em muitos casos, absolutamente baixa), os docentes

pesquisados, na sua maioria, possuem boa experiência no magistério. Somados os que têm a partir de cinco anos de trabalho alcançamos mais de 70% dos entrevistados. A segunda diz respeito à evidência de que, na totalidade da amostra, o período de formação inicial ocorre junto com a forte expansão tecnológica e da decisiva presença da chamada nova comunicação. Crescimento da internet, da telemática, das mídias integradas, com as conseqüentes implicações nos configuradores sociais, filosóficos, nas mudanças de paradigmas educativos.

Em vista disto, seria esperado que a formação inicial do grupo pesquisado permitisse o exercício de dinâmicas mais bem equacionadas a uma realidade na qual os discentes também estão inseridos. Tal hipótese, contudo, pelo que a pesquisa apresenta em sua totalidade, não se confirma, pois as dificuldades para o educador fazer as passagens comunicação/educação estão muito presentes no cotidiano das salas de aula.

**Em segundo lugar**, desejamos contrapor dados que obtivemos com pesquisas mais amplas, desenvolvidas entre 2000 e 2004, com o propósito de verificar se é possível estabelecer padrões de divergência e convergência no interior da escola e mesmo de comportamentos dos docentes diante das mídias, em decorrência de processos formativos processados em temporalidades diferentes: as dos docentes que passaram pela escola antes e depois da década de 1990. Trabalhamos, no momento, neste cruzamento de dados para tentar apreender os motivos porque os jovens professores, mesmo tendo aumentado a convivência com as tecnologias, não chegam a implementar práticas educativas capazes de os diferenciarem substancialmente das gerações precedentes.

## **2.Sobre as relações midiáticas**

Ao lado do recorte etário, identificamos como ocorrem, em determinado segmento de professores, hábitos de freqüência aos meios de comunicação. Daí o fato de uma série de perguntas incidirem sobre as relações dos educadores com a televisão, o rádio, o jornal, a revista, a internet, etc.

Conforme foi visto, a formação inicial dos docentes pesquisados aconteceu no interior de um processo que preferimos chamar de *comunicação generalizada*, ou, nos termos de Antônio Fausto Neto, de *mediatização social*<sup>4</sup>. Vale dizer, nos detivemos nos limites de uma geração cuja história de vida está vinculada à constituição de novos

---

<sup>4</sup>. Expressão utilizada em mesa redonda na Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo em 2004.

mecanismos de organização do espaço público e nos quais as mídias jogam papel decisivo.

O próprio percurso escolar dos jovens professores aconteceu ou continua acontecendo, segundo fusões e desdobramentos das dimensões formais – típicas das instituições escolares – e dos circuitos comunicacionais, num jogo ao qual não faltam evidentes disputas por espaços simbólicos, informativos, de representação, e, guardadas as singularidades afeitas a cada uma daquelas instâncias, conhecimentos.

Trata-se, portanto, de um contexto particular que força a intensificação dos diálogos entre o dentro e o fora da escola, requisitando dos ambientes educadores formais um novo tipo de tratamento, andamento e, sobretudo, estratégias didáticas e pedagógicas que não retirem dos seus horizontes de preocupações o fato de existirem novas dinâmicas a concertarem os processos de aprendizagem. O jovem docente, este que é centro de nossa pesquisa, cumpriu o seu próprio circuito escolar ativando um nível de relação com as mídias, ao mesmo tempo cotidiano, pois de presença no dia-a-dia, e operacional, visto a necessidade de manusear equipamentos que vão do aparelho celular ao computador. É com tal *background* que o jovem docente aporta à sala de aula para levar a termo o seu mister educador.

A questão sugerida neste momento, e ainda no plano das hipóteses, é a seguinte: o fato existir o reconhecimento de nexos entre os novos instrumentos de produção – os dispositivos técnicos – e as sociabilidades teria provocado reorientações nos percursos profissionais, promovendo, da parte das escolas, práticas qualificadas para o melhor entendimento dos sentidos, implicações e direções das culturas midiáticas? Ou ainda, a midiatização social que matiza o universo dos alunos ecoa nas práticas dos jovens docentes, também eles integrados no processo de *comunicação generalizada*? Na eventualidade de terem recebido formação adequada para trabalhar neste cenário, estariam os jovens docentes retraduzindo em sala de aula os fluxos, processos e desafios formulados pelas culturas midiáticas, segundo perspectiva educacional e pedagogicamente equacionada aos ditames da escola, aos propósitos que devem reger a construção de uma cidadania transformadora? Parte muito concisa destas perguntas pode ser apreendida através de poucas tabelas<sup>5</sup> exemplificadoras das relações dos jovens professores com as mídias, assim como o trânsito delas no âmbito escolar.

---

<sup>5</sup> . Indicamos aqui algumas das 54 tabelas que enformam o problema básico da pesquisa. Parte destes exemplos são desdobrados em outras perguntas que respondem de modo mais completo aos tópicos em exame.

<b>Você possui computador?</b>	
Sim	69
Não	10

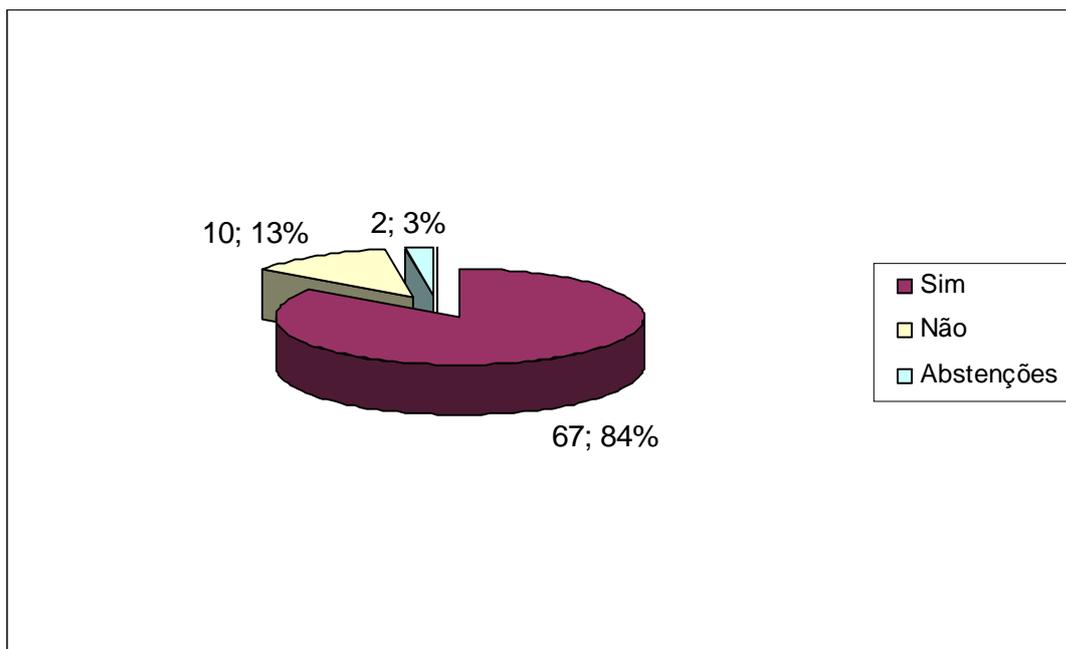
O cruzamento de fatores como diminuição no custo, ampliação de crédito, programas oficiais que criaram facilidades de pagamento, têm levado a que os docentes, de modo crescente, adquiram computadores. O fenômeno é recente, pois em enquetes que realizamos até por volta de 2005<sup>6</sup>, os números eram bastante modestos, chegando à ordem aproximada de 40% aqueles professores que indicavam possuir computador doméstico. Agora, o número de respostas positivas cresce para 87.34%.

É possível que o recorte em docentes com até trinta anos funcione, também, como elemento que ajuda a explicar o assinalado crescimento rápido e de larga abrangência. Vivendo a experiência da sociedade da informação, dos apelos tecnológicos, os jovens docentes passam a fazer parte da “geração dos computadores”, com tudo o que está aí implicado.

<b>Você possui computador com Internet?</b>	
Sim	67
Não	10
Abstenções	2

---

<sup>6</sup>. Os dados de pesquisas referentes aos anos anteriores ao desta estão em relatórios de pesquisa remetidos ao CNPq e reproduzidos, em diferentes momentos, nos livros citados na nota 2.

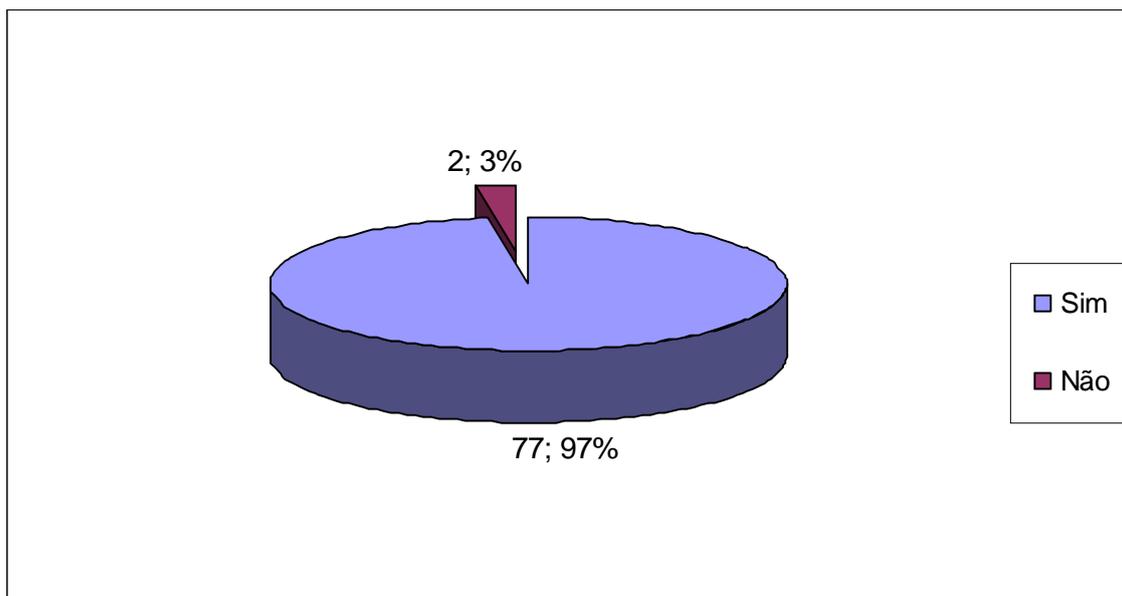


Ou seja, todos os professores que indicaram ter computador, à exceção das duas abstenções, estão integrados ao sistema www. Para se ter um parâmetro acerca da extensão e velocidade das mudanças nesta área, é interessante verificar o relatório da UNESCO divulgado em 25 de maio de 2004 sobre o perfil dos docentes brasileiros do ensino fundamental e médio, numa amostra nacional de cinco mil entrevistados e realizada entre os meses de abril e maio de 2002. Revela-se, neste caso, o fato de 58.4% nunca haver acessado a internet<sup>7</sup>.

Ainda que o nosso trabalho esteja referido à grande São Paulo, logo abrangendo um grupo segmentado geograficamente e mesmo do ponto de vista etário, o salto é bastante significativo neste item. O que, de novo, corrobora a hipótese segundo a qual os jovens docentes estariam, pelo menos inicialmente, em melhores condições para trabalhar com o universo dos alunos do ensino fundamental e médio, em larga medida já convivendo com sistemas informacionais.

<b>Você possui aparelho de DVD?</b>	
Sim	77
Não	2

<sup>7</sup>. Consultar: ([www.sbgrio.sbg.org.br/download/perfil\\_unesco.doc](http://www.sbgrio.sbg.org.br/download/perfil_unesco.doc))



A quase totalidade dos professores possui DVD: 97%. É a tecnologia do momento para gravação e reprodução de materiais audiovisuais. Chama atenção, neste item, a velocidade com que foi adquirido o equipamento. Recuássemos no tempo indo aos dados da pesquisa que realizamos em 2002 veríamos que 10.53% da amostra dizia não possuir videocassete. Em poucos anos, o quadro sofreu profunda alteração, inclusive com intensa substituição no tipo de equipamento. O próprio ritmo de aquisição da nova tecnologia se deu em velocidade maior do que a dos videocassetes. Para se ter um quadro comparativo:

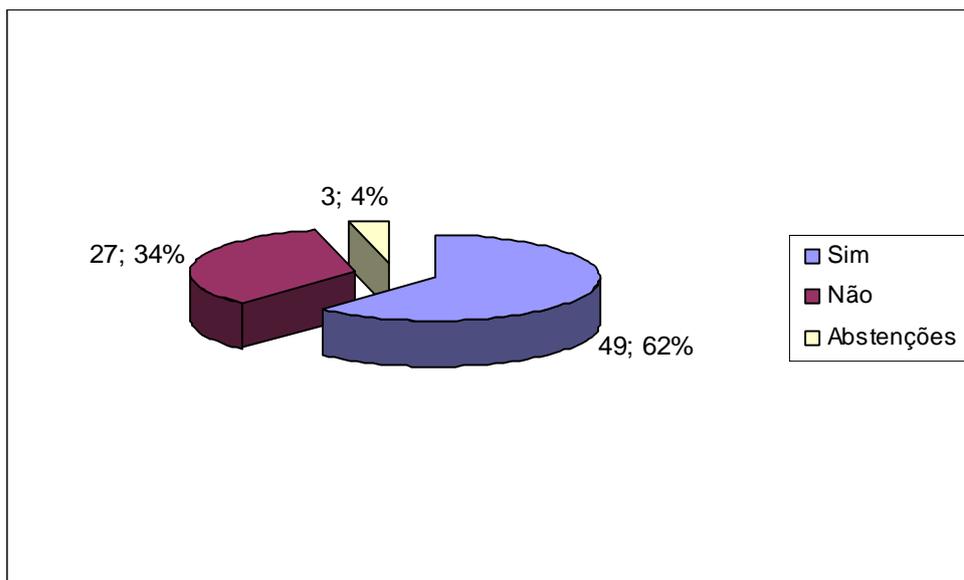
1998. 11.52% dos professores não possuíam videocassete.

2002. 10.53% dos professores não tinham videocassete.

2006. 3% dos professores não têm DVD.

Existem, por certo, fatores de produção industrial que levaram ao barateamento dos equipamentos. Este fato permitiu ao usuário-docente o acesso rápido a itens como os DVDs e, conseqüentemente, à possível utilização didática e pedagógica de produtos audiovisuais configurados por tal tipo de tecnologia. Entretanto as entrevistas indicam ser pequeno o trabalho sistemático com linguagens audiovisuais na escola.

<b>Você tem por hábito ler jornais impressos?</b>	
Sim	49
Não	27
Abstenções	3

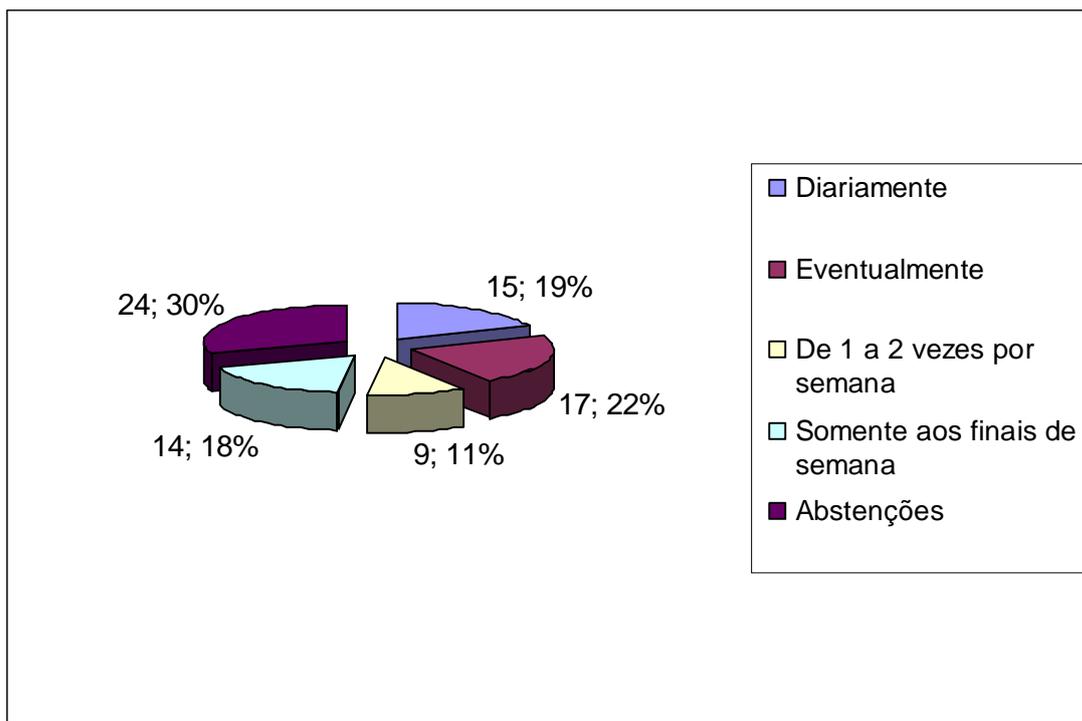


Boa parte de nossa amostra revela ler jornais impressos. Excluíssemos as abstenções teríamos 64.47% respondendo positivamente à pergunta. Recuperássemos, contudo, pesquisa de 2004, e encontraríamos 85.32% dos docentes manifestando o hábito de ler jornais impressos. Ou seja, há uma diminuição de quase 20% neste item.

Sabemos que existe um recuo importante, no mundo todo, no número de leitores de jornais em papel. Tratamos do assunto no livro *Palavras, meios de comunicação e educação*<sup>8</sup>. Ao que tudo indica, a questão tem reflexos em diferentes níveis e segmentos da população, promovendo impactos também na faixa etária mais jovem de professores.

Em caso positivo, com que frequência?	
Diariamente	15
Eventualmente	17
De 1 a 2 vezes por semana	9
Somente aos finais de semana	14
Abstenções	24

<sup>8</sup>. Citelli, Adilson. São Paulo, Cortez, 2006

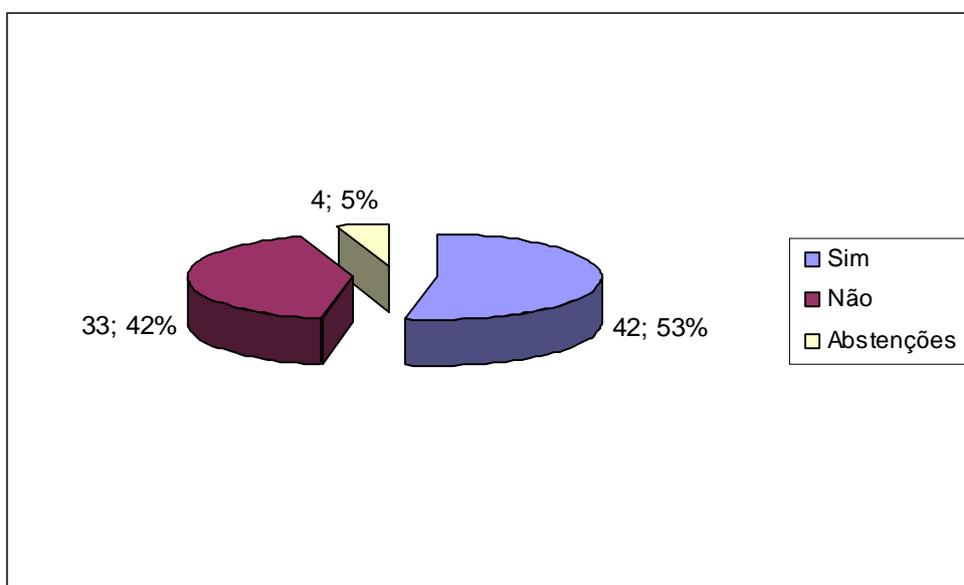


A questão da leitura dos jornais impressos traz, nesta tabela, dados ao mesmo tempo reveladores e preocupantes. É reduzido o número de professores que afirmam ler jornais diariamente. Para mais bem visualizar o problema, descontadas as abstenções, indicador a ser aqui lembrado, pois, absolutamente, supera todos os demais, temos:

Eventualmente	30.90%;
Diariamente	27.27%,
Somente nos fins de semana	25.45%;
1 ou 2 vezes por semana	16.36%;

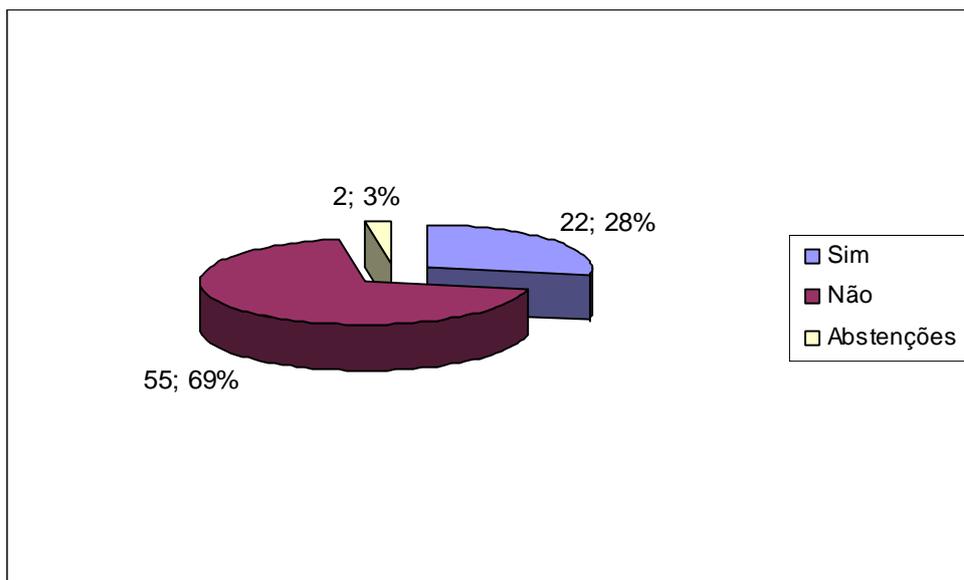
Vale dizer, a leitura descontínua (excluídos os que declaram o item diariamente) representa 72.71% dos jovens professores. O jornalismo impresso ocupa, para a nossa amostra, lugar de baixa frequência.

<b>Você tem por hábito ler jornais eletrônicos/ digitais/via Internet:</b>	
Sim	42
Não	33
Abstenções	4



Esta tabela talvez ajude a explicar um pouco as duas anteriores. Conquanto não tivesse ocorrido pergunta que colocasse de modo alternativo leitura de jornal impresso e digital, se verifica o fato de os jornais eletrônicos serem acessados por mais da metade dos professores pesquisados. Evidencia-se a migração para novas fontes informativas.

<b>Em seu curso da graduação ou licenciatura houve alguma disciplina voltada para o estudo da Comunicação na Educação?</b>	
Sim	22
Não	55
Abstenções	2



Ao lado das perguntas referentes às relações com a mídia, incluímos outras, das quais destacamos esta e a subsequente, com o intuito de observarmos o problema da própria formação inicial do docente.

A tabela revela que apenas vinte e dois (27.84%) dos setenta e nove professores indicam ter cursado disciplinas que os capacitariam para trabalhar com a mídia na sala de aula. Após vários anos realizando pesquisas nesta área e repetindo, praticamente a mesma pergunta, constamos um quadro de pouca ou nenhuma mudança. As licenciaturas seguem em impávida direção de menoscabo por uma questão básica nas dinâmicas das sociedades contemporâneas: a presença dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação.

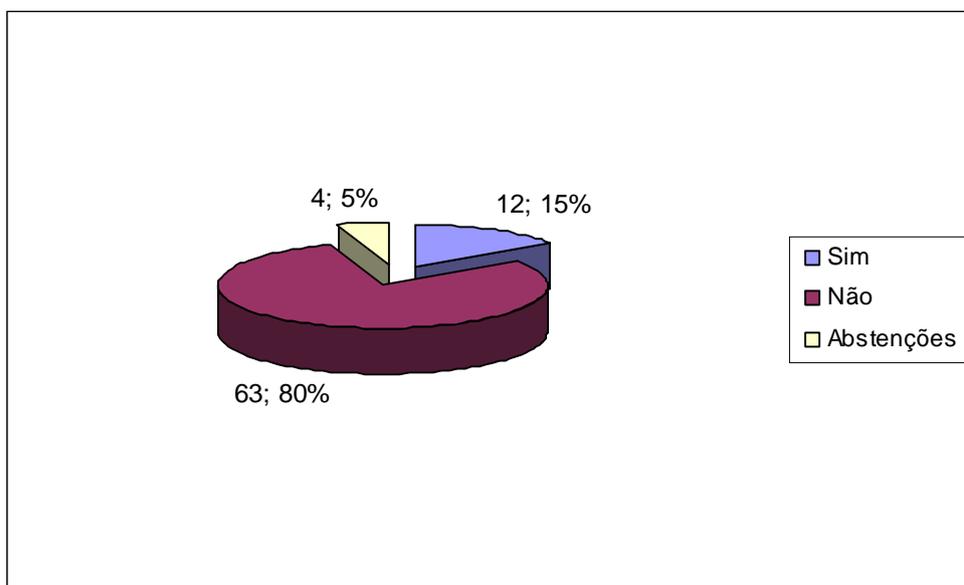
Neste sentido, levantamos junto a instituições de ensino de todo o país como as suas grades horárias de licenciaturas eram montadas no que tange à inclusão das disciplinas voltadas à preparação do futuro docente para mais bem se relacionar com os meios de comunicação nos ambientes da educação formal. Muitas faculdades e universidades consultadas não responderam à solicitação, outras remeteram aos seus *sites* e poucas retornaram através de documentos atualizados. Daí haveremos optado por não divulgar, ainda, a listagem das Instituições, mas apenas relacionar algumas delas às quais tivemos acesso ao que foi pedido<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> . Universidade de São Paulo (USP); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade Estadual do Paraná – Ponta Grossa (UEPR); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS); PUC Minas Gerais; PUC Rio Grande do Sul; PUC Rio de Janeiro; Universidade Tuiuti do Paraná (UTP); Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade Estadual de

Dá se pode entender um pouco melhor as tabelas que se seguem:

<b>Você já realizou algum curso de formação visando ao trabalho com os meios de comunicação em sala de aula?</b>	
Sim	12
Não	63
Abstenções	4

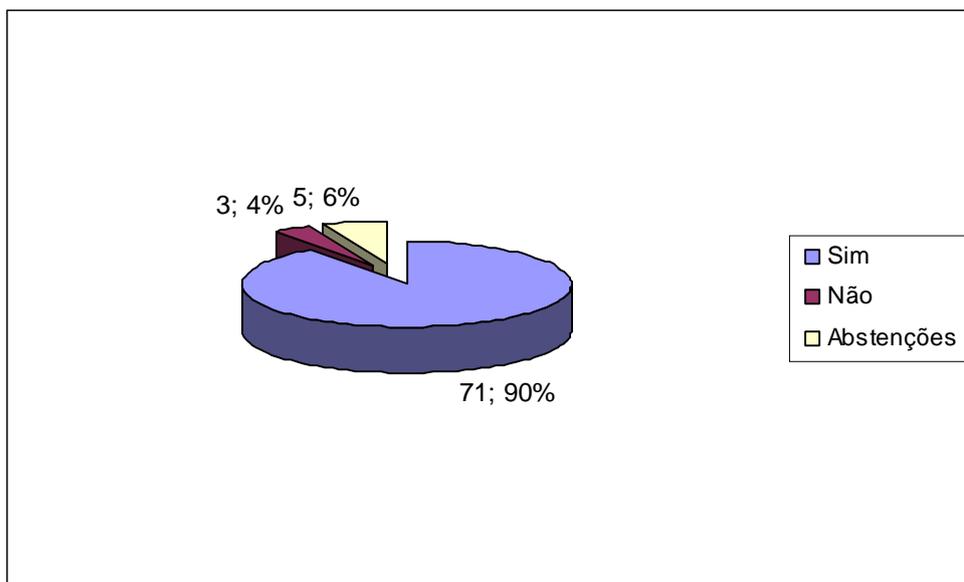


Reiteram-se comentários anteriores. Mesmo entre jovens docentes, portanto teoricamente mais vinculados às novas tecnologias e ao campo das comunicações, apenas 15,18% da amostra afirma ter realizado curso de formação com vista ao trabalho com os meios de comunicação em sala de aula.

---

Campinas (UNICAMP); Universidade Católica de Salvador (UCSAL); Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Federal do Piauí (UFPI); Universidade Federal de Sergipe (UFS). Vale acrescentar que várias Instituições, algumas com certo destaque na área, não ministram, em seus cursos de Educação/Pedagogia, qualquer disciplina referente ao campo da comunicação.

<b>Em caso negativo, gostaria de realizar cursos destinados à formação para o trabalho com as linguagens dos meios de comunicação na escola?</b>	
Sim	71
Não	3
Abstenções	5



Os jovens docentes manifestam disposição para realizar cursos destinados à formação para o trabalho com as linguagens dos meios de comunicação. Setenta e um deles, 89.87%, revelam consciência da necessidade de um conhecimento qualificado acerca dos mecanismos de funcionamento das mídias e das linguagens que por elas circulam.

### **Algumas conclusões**

O exame dos dados acima, conquanto indicadores de restrita parte da pesquisa, permite formular conclusões preliminares. Em primeiro lugar: o fato de segmentarmos o universo dos professores do ensino básico por grupo etário faculta um conhecimento aproximado de como se formula a experiência dos jovens ingressantes no magistério no que tange aos hábitos midiáticos e aos usos das possibilidades franqueadas pela comunicação nos ambientes escolares. Em segundo lugar: se torna possível elaborar algumas categorias de análise para circundar teoricamente o problema em tela. Assim,

verificamos a crescente existência de campos semânticos comuns circundando a vida dos professores e seus alunos. E isto ocorre seja no acesso a mensagens, símbolos, mecanismos de representação disponibilizados pelas culturas midiáticas seja no próprio convívio com equipamentos e linguagens que suportam os trânsitos de informações e conhecimentos: televisão, rádio, computadores, internet, etc. Deduz-se, portanto, que as distâncias geracionais matizadoras do universo de docentes e discentes, com a conseqüente diferença de interesses, de estratégias para buscar informações e conhecimentos, que afastavam aqueles dois agentes dando a um deles poder de acentuar as suas diferenças, foram diminuídas, tornaram-se, em muitos casos, tênues. Entende-se que alunos e professores passem a falar coisas parecidas e se refiram a temas, assuntos e problemas orientados por fontes comuns.

A despeito de não explorarmos, aqui, as conseqüências das duas observações acima, mas apenas evidenciá-las, fica claro o convite para se pensar os projetos educacionais e pedagógicos tendo em mira a inescapável presença dos meios de comunicação em nosso tempo.

### **Bibliografia**

BUCKINGHAM, David. *Media education. Literacy, learning and contemporary culture*. London, Polity, 2003

CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação. A linguagem em movimento*. São Paulo, Senac, 2000

\_\_\_\_\_. *Palavras, meios de comunicação e educação*. São Paulo, Cortez, 2006

MARTÍN-BARBERO, Jesús. “Heredando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación. *Nómadas*. n.5. Bogotá, Universidad Central, 1996